

## ANÁLISE HISTÓRICA DA PROFISSÃO DE NUTRICIONISTA HISTORICAL ANALYSIS OF NUTRITIONIST

**Chenerri Cristofolli**

**Letícia Bonato**

**Edilceia Domingues do Amaral Ravazzani**

### INTRODUÇÃO

O nutricionista é o profissional que estuda a relação homem x alimento<sup>(5)</sup>. Esta profissão está em crescimento e desenvolvimento, novas áreas surgem e mais profissionais estão sendo formados, porém muitas pessoas ainda desconhecem a capacidade dos nutricionistas e sua área de atuação. Dessa maneira, torna-se interessante levar ao conhecimento da população o histórico da profissão e comparar a evolução do profissional do início do século XIX até os dias atuais além, de identificar suas áreas de atuação<sup>(1)</sup>.

A nutrição começou a surgir no período entre guerras, entre a primeira e a segunda guerra mundial. E em 1926, Pedro Escudero criou o Instituto Nacional de Nutrição, tornando-se o iniciador da escola de nutrição na América Latina. Porém, somente em 1939 que o primeiro curso da área foi inaugurado no Brasil<sup>(1)</sup>.

Na década de 60, o País passou por importante desenvolvimento industrial o qual também atingiu a área da saúde, e em 24 de abril de 1967 a profissão de nutricionista foi regulamentada. Entretanto, toda essa modernização não mudou a fisionomia do curso que ainda era representado em sua totalidade por mulheres<sup>(1,2,4)</sup>.

Alguns anos mais tarde, na década de 70, com o surgimento do Programa Nacional de Alimentação e Nutrição (PRONAN), Instituto Nacional de Alimentação e Nutrição (INAN) e a criação de Conselhos Federal e Regionais de Nutrição o número de cursos no Brasil teve um crescimento significativo, fenômeno ao qual se observa até hoje<sup>(1,2,3)</sup>.

### ANÁLISE HISTÓRICA DA PROFISSÃO DE NUTRICIONISTA

A Nutrição é a ciência cujos instrumentos traduzem-se ao homem e sua relação com o alimento. Esta estuda como ocorre a utilização dos nutrientes pelo organismo <sup>(5)</sup>.

“No cenário mundial, a emergência do campo da Nutrição, seja como ciência, política social e/ou profissão, é um fenômeno relativamente recente, característico do início do século XX” <sup>(1)</sup>.

A profissão nutricionista começou a surgir, entre as duas guerras mundiais, de 1914 e 1939. Alguns países nesse período perceberam que soldados bem alimentados lutavam melhor e, após essa observação várias hipóteses e com elas testes e experimentos tiveram início <sup>(1)</sup>.

Já na América Latina os primórdios da profissão do nutricionista começaram com Pedro Escudero criador do Instituto Nacional de Nutrição em 1926, da Escola Nacional de Dietistas em 1933 e do curso de médicos "dietólogos" da Universidade de Buenos Aires. Para incentivar os estudos, Escudero dava bolsas dos seus cursos na Argentina para latino-americanos <sup>(1)</sup>.

Na segunda metade do século XIX surgiram as primeiras teses brasileiras sobre a Nutrição, nas Faculdades de Medicina do Rio de Janeiro e da Bahia, dentre elas, a de Álvaro Osório em 1906, na área de Fisiologia da Alimentação e “Higiene Alimentar” de Eduardo Magalhães em 1908 <sup>(1)</sup>.

Em Pernambuco, 1930, teve início uma série de estudos sobre Nutrição, dentre os quais os de Gilberto Freyre, Jamesson Ferreira Lima, Josué de Castro, Naíde Regueira Teodósio, Nelson Chaves, Orlando Parahym e Ruy Coutinho se destacaram. Em 1932, influenciado por Escudero, José de Castro inicia a pesquisa: “As Condições de Vida das Classes Operárias no Recife”, o qual foi considerado o primeiro inquérito dietético-nutricional do Brasil e, que motivou muitas outras pesquisas até mesmo a que deu origem ao primeiro salário mínimo <sup>(1)</sup>.

No Instituto de Higiene de São Paulo, em 1939 foi inaugurado o primeiro curso de Nutrição no Brasil. E em 31 de agosto de 1949 foi formada a ABN (Associação Brasileira de Nutrição) <sup>(1,2)</sup>.

Após o Estado se preocupar com a alimentação do trabalhador, procurou atender as necessidades das empresas privadas. No entanto, foi neste período que se expandiram as indústrias de alimentos. Assim, o Estado criou o órgão

público de Serviço Técnico de Alimentação Nacional, em 1942, e o Instituto de Tecnologia Alimentar, em 1944, dando início à colaboração entre o Estado e a indústria de alimentos <sup>(3)</sup>.

Em 1946 foi criada a Organização das Nações Unidas para Agricultura (FAO), depois de uma reunião na Virgínia (Conferência de Alimentação de Hot Spring) <sup>(1)</sup>.

A partir da década de trinta até a década de cinquenta, com o desenvolvimento do capitalismo na América Latina, surgiu a capitalização do setor de Saúde. A especialização na área da saúde tornou-se comum nos países com desenvolvimento socioeconômico. Com a divisão técnica do trabalho em saúde, surgiram outros profissionais, como os nutricionistas voltados para a área hospitalar. O trabalho do nutricionista era usado de forma complementar (prestando assistência ao paciente através da alimentação) ao ato médico <sup>(3)</sup>.

## **A CONSOLIDAÇÃO E EVOLUÇÃO (1950 - 1984)**

A partir da década de cinquenta, na América Latina, o dietista passou a ser chamado de nutricionista-dietista, mas no Brasil adotou-se apenas a denominação “nutricionista” <sup>(3)</sup>.

Com o apoio de Nelson Ferreira de Castro Chaves foi criado em 1957, o Curso de Nutricionistas do Instituto de Fisiologia e Nutrição na Faculdade de Medicina de Recife. Em 1960, o Brasil já tinha sete cursos de Nutrição e começava a se consolidar a área de Nutrição em saúde pública na América Latina <sup>(1)</sup>.

A profissão de Nutrição passou a ser regulamentada em 24 de Abril de 1967 pela lei nº 5.276/67, que regulariza o seu exercício, apresenta o primeiro currículo sendo de três anos e como ensino superior <sup>(2,3)</sup>.

Ainda na década de cinquenta e também na de sessenta, ocorreu um grande desenvolvimento industrial no Brasil, estabelecendo-se a relação entre a saúde e o desenvolvimento. A profissão de nutricionista nessa época era exclusivamente feminina. Contudo, atualmente existem homens como nutricionistas, os quais segundo Marins, parecem ter tido uma influência da

profissão da mãe além de uma educação com hábitos alimentares saudáveis (4).

A educação alimentar era uma ferramenta necessária para que a sociedade se livrasse da doença e da fome. Com a evolução do capitalismo o mercado de trabalho do nutricionista foi influenciado, trazendo modificações na formação acadêmica, querendo formar um profissional que transformasse a sociedade, mas por outro lado, as modificações eram no currículo, ajustando-os as oportunidades do mercado de trabalho (3).

Na década de 60 além de se preocupar com a saúde os nutricionista no Brasil passaram a olhar para o lado social:

A institucionalização do nutricionista relacionava-se, portanto, às políticas de prestação de serviços assistenciais patrocinados pelo Estado, que desenvolvia essa prática a partir dos órgãos públicos de saúde criados na década de quarenta. Entre eles, destacava-se o Serviço de Alimentação e Previdência Social (SAPS) criado no Rio de Janeiro, pelo decreto presidencial nº 2.478 de 5/8/1940, órgão destinado à execução de parte da política social do Estado, vinculado ao Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio, primeiro órgão de política de Alimentação instituído pelo Estado Brasileiro, auxiliar da política trabalhista de Getúlio Vargas, como um dos meios de sustentação do seu governo. A função explícita daquele órgão era a de assegurar condições favoráveis e higiênicas à alimentação dos segurados dos Institutos de Aposentadorias e Pensões, subordinados ao ministério ao qual se vinculavam. De acordo com L'Abbate (1988), colaborava, portanto, para minimizar possíveis tensões sociais, indesejáveis no momento em que se deveria concentrar todos os esforços "na construção de um sistema econômico de base capitalista industrial sob vigência da ideologia nacionalista" (3).

Na I Conferência de Adestramento de Nutricionistas/Dietistas de Saúde Pública de 1966, recomendou-se sobre as questões administrativas como o tempo mínimo para concluir o curso, o número de alunos, a qualificação dos professores, os materiais necessários. Ficaram definidas as áreas gerais do ensino em Nutrição: Ciências Básicas, Ciências Sociais e Econômicas, Ciências Pedagógicas, Ciências da Saúde Pública e Ciências da Alimentação e Nutrição. Estabeleceram-se também os conteúdos de cada área e a carga horária. Durante o VIII Congresso Brasileiro de Nutricionistas e V Congresso Brasileiro de Nutrição (CONBRAN) em 1976, foi decretado pelo Conselho

Federal de Educação (CFE), uma carga horária mínima de 2.280h, com uma duração média de quatro anos, com no mínimo 300h de estágio supervisionado <sup>(3)</sup>.

Na década de 70 foi criado o segundo Programa Nacional de Alimentação e Nutrição (PRONAN) desenvolvido pelo Instituto Nacional de Alimentação e Nutrição (INAN), o que repercutiu na multiplicação do curso de Nutrição por todo o País <sup>(1,2)</sup>.

Em 20 de Outubro de 1978 foram criados os Conselhos Regionais e Federais de Nutrição, pela lei nº6. 583; e em 6 de março de 1980 formava-se o CRN (Conselho Regional de Nutricionistas) <sup>(2)</sup>.

Foi a partir de trabalhos desenvolvidos nas décadas de oitenta e noventa que hoje se sabe a importância da formação do nutricionista, que é analisado como uma prática produtiva capitalista, inserido dentro de um contexto socioeconômico brasileiro <sup>(3)</sup>.

### **A REPRODUÇÃO AMPLIADA (1985 - 2000)**

No I Encontro Nacional de Entidades de Nutricionistas (I ENEN) em 1986, abordaram-se temas sobre o perfil profissional, o mercado de trabalho e os interesses dos nutricionistas como o piso salarial e a jornada de trabalho. Todo esse avanço que se sucedeu tem como objetivo formar um nutricionista comprometido com as necessidades nutricionais da população brasileira. Em 1988, no II Encontro Nacional de Entidades de Nutricionistas (II ENEN) discutia-se as atribuições específicas do nutricionista <sup>(3)</sup>.

Em 8 de Junho de 1980 foi criada a Associação Brasileira de Nutrição (ASBRAN) que foi substituída pela FEBRAN. Novas áreas surgiram na Nutrição, como esportiva, marketing, hotelaria e atendimento domiciliar (Home Care). Além destas o nutricionista pode atuar na alimentação coletiva, saúde coletiva, indústria de alimentos e clínica <sup>(2)</sup>.

Segundo pesquisa do Conselho Federal de Nutricionistas, realizada em 2005, existe no Brasil 41.228 nutricionistas. Destes, 96,5% dos profissionais são do sexo feminino, sendo a faixa etária da maioria entre 26 a 40 anos. São

309 cursos de nutrição, com a maioria dos profissionais trabalhando na área clínica, 41,7% <sup>(2)</sup>.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observa-se que maneira a profissão teve um desenvolvimento progressivo e quantas áreas novas surgiram, como exemplo a nutrição esportiva e o home care, e com elas oportunidades de levar os conhecimentos de nutrição a novos grupos populacionais.

A Nutrição surgiu num período entre guerras, como fator significativo de vitórias, pois em qualquer atividade física ou mental que seja realiza no dia a dia só se alcança o êxito com uma boa nutrição, e nesta época, início do século XIX, começaram a surgir às primeiras observações sobre o assunto.

Na década de 70 com a criação do segundo Programa Nacional de Alimentação e Nutrição (PRONAN) os cursos de Nutrição tiveram um aumento expressivo, e desde então não param de crescer e se aperfeiçoar de acordo com as necessidades humanas, além das novas áreas e especializações que ainda irão surgir nesse campo de atuação.

## REFERÊNCIAS

- 1- Vasconcelos, F. A. G. O nutricionista no Brasil: uma análise histórica. Campinas, Revista de Nutrição, v. 15, n. 02, Maio/Agosto. 2002.
- 2- Conselho Federal de Nutricionistas. 40 Anos da regulamentação da profissão. [ONLINE] Disponível em: <http://www.cfn.org.br/novosite/conteudo.aspx?ldMenu=96>>. Acessado em: 23 de Outubro de 2009.
- 3- Costa, N, M, da S, C. Revisitando os Estudos e Eventos sobre a formação do Nutricionista no Brasil. Campinas, Revista de Nutrição, v. 12, N.01, Janeiro/Abril. 1999.

- 4- Marins, M, T. Discursos de homens e mulheres em profissões alternativas ao seu gênero. XIV Congresso Brasileiro de Sociologia, Rio de Janeiro, 2009.
- 5- Pinheiro, K, A, P, N. História dos hábitos alimentares ocidentais. Brasília, Universitas Ciências da Saúde, v. 03, n. 01, p.173-190.